

Narrativas docentes: gênero transgressor e (auto)formativo

Adair Mendes Nacarato¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6724-2125>

Daniel Hugo Suárez²

 <https://orcid.org/0000-0001-6636-5174>

Luciana Haddad Ferreira³

 <https://orcid.org/0000-0002-8440-7347>

A narrativa floresceu num meio de artesanato, (...) é ela própria uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2006 p.182).

A escrita narrativa de professoras e professores tem ocupado, com grande frequência, espaço nos debates e estudos da comunidade acadêmica do campo educacional. Entre diferentes discussões metodológicas e epistemológicas acerca de seus usos, limites e potencialidades, uma constância: o gênero narrativo parece ter ocupado um importante e definitivo espaço de diálogo e intercâmbio entre a comunidade acadêmica e da Educação Básica. Narram professores e professoras, em diferentes contextos e momentos, dando visibilidade a fragmentos cotidianos, nem sempre vistos e percebidos por outras frestas, que não a da narrativa de quem vive.

Compreendemos a narrativa docente como potencialmente transgressora e formativa: diante de uma realidade que por vezes leva professores e professoras a desacreditar de suas próprias formas de conhecer, ao destituí-los do lugar de autoria do conhecimento, narrar articula o fazer cotidiano com o saber próprio do ofício, historicamente produzido pela humanidade, e organizado de maneira particular no momento narrado. Assumindo ainda que narrar é sair de si, deixar de lado o discurso monológico para orientar sua fala ao coletivo, àquilo que pode servir

¹ Universidade São Francisco – USF, Itatiba / Brasil. E-mail: adair.nacarato@usf.edu.br

² Universidad de Buenos Aires – UBA, Buenos Aires / Argentina. E-mail: danielhugosuarez@gmail.com

³ Universidade São Francisco – USF, Itatiba / Brasil. E-mail: haddad.nana@gmail.com

de reflexão e encontrar sentido no / para o outro, entendemos este movimento de escrita docente também como (trans)formador para quem narra e para aquele que lê e partilha dos significados expressos nas escritas docentes.

Mais do que uma forma de fazer circular testemunhos de escola, narrar é também um rito de encontro e de partilha. Por meio da relação com o outro se desenvolvem práticas enunciativas e de escuta sensível, pelas quais é possível dar-se conta dos próprios processos formativos e das escolhas feitas ao longo do trajeto de aprendizado.

Em consonância com tais ideias, esta seção temática teve como objetivo reunir pesquisas que tivessem como foco narrativas docentes formadoras e transgressoras, como modos de produção de conhecimento sobre as práticas escolares e a formação docente. Foram recebidos diversos trabalhos, resultantes de pesquisas que retratam múltiplos modos de narrar as práticas docentes que reafirmam a potência do trabalho acadêmico que considera os saberes locais e que tomam a prática investigativa como oportunidade de formação docente e a constituição da identidade profissional.

Os dezoito artigos selecionados para compor a seção dão visibilidade à riqueza e diversidade da pesquisa narrativa na atualidade, bem como sua potência para trazer a debate pautas sociais e retratos da atualidade que precisam ser enfrentados e amplamente discutidos.

No primeiro desses artigos, intitulado “Gen-eros-idades de las entre-vistas. Íntima narrativa de la investigación en comunidade”, os pesquisadores argentinos Luiz Porta, Francisco Ramallo e Jonathan Aguirre analisam como suas pesquisas se entrelaçam a partir da constituição de uma comunidade narrativa.

O tema de documentação narrativa se fez presente nesta seção temática com dois artigos. O primeiro deles, “Documentação narrativa de experiências pedagógicas na formação docente em redes”, de Aline Dorneles e Daniel Suárez, apresenta as ações formativas realizadas entre redes de pesquisa de professores, nas quais a escrita (auto)biográfica e narrativa é assumida como forma de pesquisar e refletir coletivamente sobre o trabalho e as práticas docentes do / no cotidiano. O segundo, de autoria de Jane Rios, “Narrativas de (re)existências pedagógicas na educação básica: escritas transgressoras de docentes a partir da escola”, apresenta narrativas de docentes da Educação Básica e a partir delas a autora reflete,

narrativamente, sobre o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, construído pelo Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as.

Na sequência, trazemos um conjunto de seis artigos que abordam a formação inicial ou continuada, bem como o desenvolvimento profissional docente. No primeiro deles, os autores Mayrhon José Abrantes Farias e Adriano L. de Souza, “Desenhando experiências com o brincar: narrativas autobiográficas de professores de Educação Física em Formação inicial”, analisam os saberes docentes sobre o brincar de professores de Educação Física, em processo de formação inicial, utilizando de desenhos temáticos e narrativas autobiográficas. As autoras Elaine Ferrarese, Luciana Haddad Ferreira e Renata Pucci abordam, na pesquisa narrativa (auto)biográfica “Narrativas (auto)biográficas de uma professora da Educação Básica: contribuições do drama para o desenvolvimento docente”, articulações possíveis entre as vivências cotidianas de uma professora da Educação Básica e seu desenvolvimento psicológico, em diálogo com as contribuições da teoria Histórico-Cultural. No texto “Potencialidades das narrativas de professores na pesquisa em Educação para a formação e o desenvolvimento profissional docentes”, as autoras Arline Thomé da Silva e Luciane Mulazani dos Santos, apoiando-se na metodologia da História Oral, discutem a potência das narrativas de professores para a formação e o desenvolvimento profissional. Consideram as narrativas como método de investigação, processo de reflexão pedagógica e processo de formação do pesquisador. Tendo como foco as vivências autoformativas, as autoras Carolina Santos de Miranda, Ruth do Nascimento Firme e Gilvaneide Ferreira de Oliveira, no texto “Vivências autoformativas: tecendo teias para o encontro de si caminhando por entre os espaços-tempo passado e futuro para explicar os professores que hoje somos”, discutem que a autoformação é um processo tripolar, envolvendo: auto (eu), hetero (o outro) e ecoformativo (o meio). A análise centrou na técnica do ateliê biográfico com professores de ciências. Ainda nessa temática, Graça Reis, Soymara Emilião e Érica Ferreira, em “Formação de professores como espaço dialógico de construção de saberes que se fazem na palavra, no trabalho e na ação-reflexão” discutem as narrativas como artefato para o processo contínuo de formação e de autoformação de professores, e debatem sua potencialidade para o reconhecimento dos saberes fazeres docentes e para afirmação da sua autoria curricular. Finalmente, o artigo “Interação e Diálogo como princípio de processos formativos: uma análise das narrativas de professores participantes do Curso de Formação em

Letramento em Programação”, de Estefânia Bissoni e Milena Moretto, discute práticas de letramento em programação, evidenciadas em narrativas docentes, a partir das relações dialógicas estabelecidas durante um curso de formação continuada.

Ainda no campo da formação docente, o conceito de pesquisaformação vem se destacando como possibilidade de constituição do pesquisador-professor. Essa temática também se fez presente com o texto de Joelson de Sousa Moraes, “As múltiplas facetas do currículo escolar permeado pela reflexividade narrativa na formação de professores(as)” que refere-se a uma pesquisaformação narrativa (auto)biográfica, em que o autor narra os diferentes contextos e *espaçostempos* que galgou durante a vida escolar básica até o Ensino Superior. Para isso utilizou escritas narrativas, itinerários de leitura e diário de pesquisa produzidos no contexto de uma disciplina de pós-graduação.

A pesquisa narrativa tem possibilitado que grupos historicamente silenciados expressem suas histórias transgressoras, num movimento político e social pela defesa da diversidade. Esse é o caso da comunidade LGBTQIA+, na busca por maior representatividade e manutenção de direitos. Esta seção temática conta com três artigos nessa perspectiva. Os autores Isabella C.F. D’Ávila e Luiz Paulo Ribeiro, no texto intitulado “(Sobre)vivências de docentes lésbicas, gays e bissexuais no ensino superior privado de Belo Horizonte”, discutem as estratégias que docentes lésbicas, gays e bissexuais utilizam no contexto de trabalho do ensino superior privado, os quais, por vezes, fazem uso da cisheteronormatividade para obterem reconhecimento e permanência na profissão. O texto “Professor, o senhor gosta de mulher?": as performances e as performatividades de professores gays”, de Joanderson de Oliveira Gomes e Joseval dos Reis Miranda, apresenta narrativas de dois docentes gays atuantes na cidade de Mamanguape/PB, apontando para um espaço educativo marcado por padrões heteronormativos, mas atravessado por movimentos de rupturas. Finalmente, em “Corpos-rio(s) de professores de matemática gays: infância(s) e formações de sujeitos”, Efraim Matos e Marcelo Moraes produzem uma narrativa a partir do encontro de três sujeitos que narram suas infâncias, refletindo acerca de percepções sobre a escola, a família, e os espaços físicos e sociais que os rodeavam, apontando para as diversas violências simbólicas da heteronormatividade.

O campo da Educação Matemática também tem sido marcado pela pesquisa narrativa como modos de produção de investigações voltadas a temas como: formação docente e

identidade profissional. Há dois textos produzidos por educadores matemáticos ou autoras que analisam trajetórias desses profissionais. No artigo "Percurso autobiográfico de professores(as) que ensinam matemática e o movimento de (re)configuração da Identidade Profissional em um grupo de estudos", os autores Lemerton Nogueira e José Ivanildo de Carvalho buscam compreender o que as narrativas sobre os percursos de vida-formação-profissão de professores(as) que ensinam matemática revelam a respeito do movimento de (re)configuração de suas Identidades Profissionais, no contexto de um grupo de estudos. As autoras Silvia Maria da Silva Lopes e Maria da Conceição Passeggi, apresentam o texto "Memorial acadêmico de uma educadora matemática", com a análise do memorial acadêmico de uma destacada professora titular da área de Educação Matemática, com destaque para o papel das mulheres cientistas. Apresentam e discutem a importância do biograma como instrumento de análise.

Dois artigos relacionam-se a professoras alfabetizadoras. A autora Rosangela Pereira de Sousa, no texto "Memórias da escolarização em professoras do Piauí nas décadas de 1960 e 1970", analisa histórias narradas por professoras alfabetizadoras com foco em suas trajetórias de escolarização, as influências familiares e os laços afetivos, o que favorece a compreensão do complexo processo de formação docente. No texto, "Narrativas docentes de si em cartas virtuais: sentimentos e sensações de professoras alfabetizadoras em tempos de pandemia", as autoras Patrícia Ignácio e Caroline Braga Michel, utilizando-se de cartas virtuais produzidas por professoras alfabetizadoras, analisam seus sentimentos e sensações vividas durante o ensino remoto, em decorrência da Pandemia da Covid-19.

O texto "Narrativas docentes sobre a dinâmica de (re)produção das queixas escolares", das autoras Ruzia Chaouchar dos Santos, Daniela Barros da Silva Freire Andrade e Mitsuko Aparecida Makino Antunes nos apresenta uma outra perspectiva de estudo narrativo, diferente dos anteriores. Tomando como referência os pressupostos da perspectiva histórico-cultural, as autoras analisam narrativas de professoras sobre as relações interpessoais no que diz respeito às queixas escolares.

Esse conjunto de textos, que compõem a seção temática, evidencia a riqueza de temáticas que podem ser abordadas pela pesquisa narrativa no campo educacional, envolvendo docentes em diferentes contextos de práticas e de processos formativos.

Esperamos que esta seção contribua para ampliação do debate sobre a pesquisa narrativa. Desejamos uma excelente leitura!